

# O Grupo de «Huis Clos» de Sartre e a Psicoterapia Analítica de Grupo

Antônio Franco Ribeiro da Silva\*

Com certa freqüência encontro em livros que tratam da psicoterapia de grupo referências a HUIS CLOS, de SARTRE (1947), traduzida no Brasil com o título de ENTRE QUATRO PAREDES.\*\* Quase sempre são referências breves, como as de KAES (1977), GRINBERG (1957) e FOULKES (1967) que abordam apenas um ou outro aspecto do texto, sem contudo, esgotá-lo como exemplo de funcionamento grupal.

O que pretendo com o presente artigo é, usando o exemplo da peça sartriana, bastante conhecida do público em geral, exemplificar o funcionamento grupal e, ao mesmo tempo, comparar a dinâmica do grupo social com a dinâmica do grupo terapêutico. Com essa comparação pretendo demonstrar que o grupo de Sartre não é um grupo terapêutico e, pelo contrário, tentarei demonstrar que o grupo de ENTRE QUATRO PAREDES pode ser considerado como o protótipo do anti-grupo terapêutico. Contudo, antes de fazer essa tentativa, sinto ser importante esclarecer que, ao reduzir a magistral peça de Sartre a um modelo de funcionamento grupal, não pretendo, em absoluto, reduzir sua importância. Pelo contrário, somente por considerá-la de uma riqueza inigualável e admiravelmente significativa de situações humanas é que farei essa tentativa de abordar os aspectos da dinâmica de grupo que ela contém. Seus outros inúmeros aspectos não serão abordados no presente artigo

---

\* Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

\*\* Além de consultar o original, usei nas citações, a tradução brasileira de Guilherme de Almeida. Abril Cultural - 1977.

por razões óbvias. Contudo, acredito que, ao tomar emprestado os elementos dessa obra terei maiores facilidades para demonstrar o funcionamento de um grupo terapêutico. Ao comparar as duas situações — grupo de Sartre e grupo terapêutico — mostrando suas semelhanças e suas diferenças, acredito que será mais fácil para se compreender o que se passa na psicoterapia de grupo.

A peça, que tem um ato e cinco cenas, começa com a entrada de Garcin. Ele é o primeiro que chega e é introduzido por um criado. De imediato, percebe-se que Garcin está muito ansioso e que faz um grande esforço para não deixar transparecer a sua inquietação. Esse esforço é tão grande que ele mesmo chega a acreditar que está tranqüilo e senhor da situação. Essa tentativa de se tornar dono da situação se expressa inclusive pela necessidade de conhecer as coisas, o que o leva a fazer seguidas perguntas ao criado. São perguntas que revelam algo muito mais importante do que uma mera curiosidade.

Logo após a chegada de Garcin ocorre o seguinte diálogo:

“Garcin : Onde estão as estacas?”

“O criado: O quê?”

“Garcin : As estacas, as grelhas, os funis de couro” \*

“O criado: Está brincando?”

“Garcin : (olhando-o): Como? Ah! bem. Não, não estava brincando. (Um silêncio. Anda um pouco). Nem espelhos nem janelas. Nada que seja frágil. (Com súbita violência). E por que me tomaram a escova de dentes?” (pág. 9).

Percebe-se, claramente, que Garcin chegou ao inferno consciente de que é pecador, isto é, de que é culpado. Ele tem expectativa de ser torturado. Pergunta pelos objetos de tortura porque ele mesmo externo, os objetos ou os meios que irão torturá-lo. De novo o

---

\* A tradução brasileira não dá ao leitor, de imediato, a idéia de que o autor se refere a instrumentos de tortura.

já se condenou a ser torturado e até mesmo já elegeu o método de tortura que lhe seria aplicado. Em vida, Garcin foi julgado e condenado. Foi fuzilado e “morreu com doze balas no peito”. Agora, noutra situação, espera que a compulsão à repetição entre em ação e, já que está condenado, que se repita a mesma forma de castigo. Portanto, Garcin espera ser torturado em seu próprio corpo, tal como foi condenado em vida. Ao perguntar pelos objetos de tortura, revela a sua expectativa de que novamente será castigado pelo outro. Ao ser julgado, condenado e morto, Garcin não assumiu a sua responsabilidade pelos fatos e nem a sua culpa. Foi um tribunal que decidiu, determinou e mandou executá-lo. Ele foi o objeto passivo, impotente, da decisão do outro. Agora, ao chegar ao inferno, Garcin espera encontrar fora de si, no meio julgamento, pelo menos é o que ele espera, virá de fora. Colocar no “fora” aquilo que está “dentro” é uma técnica empregada em larga escala pelo homem. Externalizar o perigo interno seria uma eficiente maneira de neutralizar o perigo interno e ao mesmo tempo uma forma eficaz de “não-tomar-consciência”. Mas, a situação externa na qual Garcin se encontra é desconhecida, tem poucos estímulos e mal dá para responsabilizá-la pela ameaça presente. O criado, única pessoa diante da qual ele se encontra, o trata de maneira impessoal, poder-se-ia mesmo dizer que de modo profissional. Jamais se envolve emocionalmente com a situação de Garcin e se mostra invulnerável às suas tentativas de provocação. Por vezes o criado mostra-se mesmo condescendente e até seria lícito dizer que a atitude do criado é de benevolência. Enfim, creio que se pode comparar o criado ao terapeuta, especialmente quando chega um novo elemento no grupo terapêutico. Nessa oportunidade, é comum que o recém-chegado tenha uma expectativa de ser dependente e protegido, ou então, pelo contrário, de ser atacado e acusado pelo terapeuta. A atitude de neutralidade deste leva o recém-chegado a viver um forte sentimento de desproteção e uma grande angústia ante a situação nova e desconhecida. A atitude do terapeuta torna-se desencadeadora de ansiedade no paciente de grupo não apenas porque este se sente desprotegido, mas, principalmente porque a ausência de dados objetivos externos estimula a fantasia e leva o paciente a fazer projeções maciças. Dessa maneira,

o terapeuta, sendo o alvo principal das projeções do paciente, torna-se assim um elemento realmente perigoso. No grupo terapêutico o paciente espera que o terapeuta se defina, que se posicione e até mesmo que ataque. O recém-chegado tem medo é do ataque do terapeuta, de tudo que ele representa e de tudo que pode representá-lo. Para o recém-chegado o melhor seria se o terapeuta atacasse diretamente, que definisse o jogo, porque se assim fosse o grupo saberia se defender ou pelo menos ficaria conhecendo o adversário. Mas a atitude do criado no grupo de Sartre e do terapeuta no grupo terapêutico são atitudes perigosas porque fica-se sem saber como será o ataque e sequer de onde ele virá. O terapeuta, tanto quanto o criado, ambos possibilitam a projeção maciça e ao mesmo tempo não apresentam resposta. Assim, ao se deparar com a "ausência-de-resposta", isto é, ausência de atitude definida do outro, Garcin se vê obrigado a se ver a si mesmo, tal qual um participante do grupo terapêutico.

Um outro aspecto que chama particularmente a atenção, nessa primeira cena, é a forma maciça pela qual Garcin utiliza o mecanismo da recusa. Tal como o recém-chegado ao grupo terapêutico, Garcin recusa-se a aceitar a sua nova realidade. Toda a primeira cena é um exemplo notável desse mecanismo, descrito sempre de maneira hábil, convincente e ao mesmo tempo angustiante, segundo o qual Garcin luta desesperadamente contra a sua nova situação. Ele se recusa a aceitar que esteja morto, comporta-se como se ainda estivesse vivo e no mundo terrestre, apesar de saber que morreu. Tenta reivindicar as necessidades dos vivos, protesta contra as mudanças de hábitos e se exaspera à medida que sua recusa é confrontada ou quando ela não funciona satisfatoriamente. Em toda a primeira cena Garcin é um morto que se comporta como se ainda fosse vivo e que se recusa a aceitar que esteja no inferno.

O diálogo que se segue é importante para o que estou tentando demonstrar:

"O criado: De que é que o senhor está falando?".

"Garcin : Das suas pálpebras. Nós outros, nós batíamos as pálpebras. Chama-se isso piscar.

Um pequeno relâmpago negro, uma cortina que cai e se ergue: deu-se a interrupção. Os olhos se umedecem, o mundo se aniquila. Você não pode imaginar como era refrescante. Quatro mil repousos por hora. Quatro mil pequenas evasões. Quatro mil, digo eu... Como é? Então vou viver sem pálpebras? Não se faça de bobo. Sem pálpebras, sem sono, é a mesma coisa. Nunca mais hei de dormir... Como poderei tolerar? Trate de compreender, faça um esforço: tenho um caráter implicante, como você vê, e tenho o costume de implicar comigo. Mas... não posso estar implicando sem parar: lá em baixo havia noites. Eu dormia. Tinha sono leve. Em compensação, sonhava coisas simples. Havia uma campina. Uma campina, nada mais. Eu sonhava que estava passeando por ela. É de dia?"

"O criado: Como vê, as lâmpadas estão acesas".

"Garcin : De fato. É esse o dia de vocês. E lá fora?"  
(pág. 12).

Quando Garcin diz "Nós outros, nós batíamos..." ele está enfaticamente se referindo a "nós outros, os seres vivos", e ao mesmo tempo colocando-se num lugar diferente ao do criado. Ao descrever o bater de pálpebras, ele o faz com a certeza de que o criado jamais viveu essa experiência porque ele, o criado, pertence à categoria dos mortos, ao passo que ele, Garcin, à categoria dos vivos. Garcin recusa-se a admitir que esteja morto e no inferno porque essa é a única maneira que ele encontrou para não tomar consciência de sua nova realidade. Lançar mão do piscar, do dormir, do sonhar, seria admitir a sua nova situação e o novo é algo temível e intolerável. Observa-se estão este paradoxo: Garcin incessantemente pergunta ao criado, procura acumular conhecimentos, tentando dessa forma tornar o desconhecimento algo familiar, com a finalidade de não enfrentar o estranho e, ao mesmo tempo, procura demonstrar que está seguro e senhor de si. Assim é que diz, por exemplo: "digo-lhe que conheço bem a minha situa-

ção”, “Não vou gritar nem gemer, mas quero encarar de frente a situação”, “Com certeza proibiram você de me responder; não insisto. Mas não se esqueça de que ninguém me pilha desprevenido”. Vê-se que Garcin procura se convencer a si mesmo de que não está com medo e que tem controle de sua situação. Mas, toda a sua conduta, suas perguntas, sua maneira de se comportar, tudo fala no sentido contrário, tudo fala de seu medo e de sua incerteza. À medida que seu medo toma conta de si, Garcin usa maciçamente o mecanismo de recusa. Insistentemente, nessa primeira cena, Garcin fala do modo de viver no inferno, uma clara alusão à vida, até que se vê confrontado neste diálogo:

“Garcin : Muito bem. Quer dizer que a gente tem de viver de olhos abertos...”

“O criado: (irônico): viver...”

“Garcin : Não vá me aborrecer agora por uma questão de vocabulário. De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia nos meus olhos. E na minha cabeça.  
(Pausa) E se eu atirasse esse bronze contra a lâmpada elétrica, será que ela se apagaria?”  
(pág. 14).

Na verdade não se trata de uma mera questão de vocabulário, como Garcin gostaria que fosse. Repito que Garcin sabe que está morto e no inferno e no entanto, apesar de saber, não acredita. Também o recém-chegado ao grupo terapêutico freqüentemente se comporta da mesma maneira. Sabe que está no grupo e também sabe porque está no grupo, porém, procura, de início, se comportar como se não estivesse ali e como se fosse imune à ação do grupo. Uma das formas mais eficientes de se fazer essa recusa é a recusa de se integrar ao grupo. O recém-chegado está na sessão do grupo terapêutico, diante do terapeuta e dos demais membros do grupo, porém ele se sente separado e diferente dos demais. Por vezes, o recém-chegado se coloca na posição do observador, no lugar de quem está sentado dentro do grupo, porém, ele procura ser um observador neutro, que não se envolve e procura sentir que tudo aquilo que se desenrola diante de si nada tem a ver com ele.

Penso que essa é a tentativa de Garcin ao chegar ao inferno. É a técnica que ele usa para tentar enfrentar a sua nova e difícil situação. Contudo, gostaria de retomar o diálogo já antes citado:

“O criado: Como vê, as lâmpadas estão acesas”.

“Garcin : De fato. É esse o dia *de vocês*. E lá fora?”

“O criado: (estupefato): Lá fora?”

“Garcin : Lá fora, do outro lado destas paredes”. (págs. 12 e 13).

O criado não aceita o diálogo no nível do simbólico, não quer falar se há luz (esperança) lá fora ou se pelo contrário lá fora é sempre noite e se só existem trevas. O criado passa para o real e de novo o real se converte no simbólico porque o simbólico só pode se expressar onde existe o real. Então o diálogo continua:

“O criado: Há um corredor”.

“Garcin : E no fim deste corredor?”

“O criado: Há outros quartos, outros corredores e escadas”.

“Garcin : E que mais?”

“O criado: Nada mais”. (pág. 13).

As lâmpadas estão sempre acesas, não há interruptor. A porta está fechada, não há outra saída, a campainha não funciona, os móveis são impessoais. Há uma peça de bronze de Bardienne excessivamente pesada. Há também uma faca de papel, não se sabe com qual serventia. Não há nada além deste quarto. A noite e o dia se confundem, assim como o útil e o inútil. Igualmente não existe nenhuma distinção entre o mundo interno e o mundo externo. Este quarto é tudo, é o fora e é o dentro; é o externo e é o interno, sem nenhuma delimitação clara e precisa.

Tal como o recém-chegado ao grupo terapêutico, Garcin é o morto que se comporta como se ainda estivesse vivo, está no inferno mas raciocina, pensa e sente em termos de vida terrena.

Também o recém-chegado ao grupo terapêutico sentirá de antemão que está condenado e que é culpado. Sentirá o grupo hostil e esperará o castigo que não sabe de onde virá, nem como e nem quando. Mas, sente que haverá tortura e sofrimento. Então, o recém-chegado, que procurou o grupo terapêutico por sua livre e espontânea vontade, e ainda, que sente que a sua salvação está no grupo, este mesmo recém-chegado teme o grupo, tem dificuldade de se integrar e procura ser um expectador dentro do grupo. Frequentemente o recém-chegado se isola ou então tenta formar um par com um dos participantes ou ainda se tornar um dependente de alguém, especialmente, do terapeuta. Mas, de qualquer maneira, os primeiros momentos (ou sessões) serão vividos com ansiedade persecutória, principalmente em virtude das projeções maciças. O terapeuta será idealizado como bom e protetor, forma mais frequentemente usada pelo recém-chegado para se defender do temido e esperado ataque deste.

É notável, na primeira cena de HUIS CLOS, como Sartre consegue transmitir ao seu personagem tão alto grau de ansiedade, ante a vivência do desconhecido.

Na cena dois, Garcin está só e ao sentir a sua solidão, desespera-se. Cai de vez a máscara do auto-domínio. Desesperado, tenta, sem êxito, abrir a porta. Tenta acionar a campainha, chamando o criado. Tudo em vão porque ele não consegue manter nenhum contato além das "Quatro paredes". Essa cena, extremamente rápida, é, ao mesmo tempo, comovente por sua dramaticidade e pelo brilhantismo de seu simbolismo. Simbolicamente Garcin está preso dentro de si mesmo, de suas próprias paredes, e terá, inevitavelmente, de conviver com "o dentro" e ao mesmo tempo suportar a ausência "do fora". Fracassa toda tentativa para não ver e não escutar o mundo interno. Confrontado consigo mesmo, Garcin tenta desesperadamente fugir ao mesmo tempo que sabe que não há para onde fugir. No grupo terapêutico, frequentemente ocorre situação semelhante, porém, com a diferença fundamental que há para onde fugir e que a porta real não está fechada e que ninguém ficará no grupo contra a sua vontade.

Pela ordem, sempre acompanhadas do mesmo criado, chegam Inês e Estelle. Tal como no grupo terapêutico, cada um chega de

uma maneira pessoal. A grande diferença entre as duas situações será a presença ou a ausência do terapeuta. É a sua ausência uma das causas pela qual o grupo de Sartre se transforma num grupo de pura repetição, sem saída e sem nenhuma esperança. No grupo terapêutico, a presença e a participação do terapeuta, com as funções de organizar, estruturar e interpretar os fenômenos grupais, fazem com que a revivência grupal seja propiciadora de elaboração e insight. O terapeuta no grupo fala do lugar de um saber que possibilita aos membros do grupo o direito de quererem saber. O terapeuta, no grupo, apesar de todos os perigos que ele representa ele é, ao mesmo tempo, para todos os membros do grupo e especialmente os recém-chegados, o símbolo da esperança.

Voltando à peça de Sartre, Inês que é introduzida na cena três, ao contrário de Garcin, não quer conversa com o criado. Contudo, também ela espera ser castigada e torturada. Ela tem certeza de que encontrará Florence e, ao perguntar pela ex-amiga, tem a convicção de que a encontraria ali para um “acerto de contas”. Quando Garcin diz não saber onde se encontra Florence, ocorre o seguinte diálogo:

“Inês : Onde está Florence? (Silêncio de Garcin). Pergunto-lhe onde está Florence”.

“Garcin : Não sei de nada”.

“Inês : Foi só isso que conseguiu descobrir”. A tortura pela ausência? Pois falhou. Florence era uma boquinha e não me faz falta”.

“Garcin : Queira perdoar-me: quem está pensando que eu sou?”

“Inês : O senhor? O senhor é o carrasco”. (pág. 20).

Temos já bem delineada a tese de Sartre: o castigo vem de fora, vem do outro, nunca do próprio sujeito. O Outro é o verdugo. Mas, por paradoxal, o castigo está no próprio sujeito e não no outro. O outro será apenas o veículo para que o castigo do próprio sujeito seja aplicado. Vale citar KAES (1976) quando diz:

“Se a projeção é, por certo, o ato de expulsão para fora de si de uma coisa desagradável, a coisa excluída se encontra no mundo, no outro, em determinado objeto e dá origem a uma representação, catectizada pelo mesmo “quantum” de afeto que motiva a projeção. Esta nova catectização “evita” o conflito ou o desprazer inicial. Então o mundo se estabiliza, como na esteriotipia, na superstição, no animismo e como o está, no caso do paranóico ou do fóbico, nos quais a repressão da representação se mantém graças a contracatectização de uma representação substitutiva, que toma corpo e termina por se estender a todos os elementos de uma situação”. (pág. 50).

Ao chegar, logo de início, foi a própria Inês quem viu Garcin como carrasco. Foi ela quem o elegeu o seu carrasco, sem que ele lhe desse nenhum estímulo ou motivo para tanto. Logo a seguir essa tese será reforçada pelo diálogo seguinte:

“Garcin : Compreendo muito bem que a minha presença a aborrece. E, se dependesse de mim, preferiria estar só. Tenho que pôr a vida em ordem e preciso de sossego. Mas tenho certeza de que nos acostumaremos um ao outro: não falo, quase não me movo, e faço pouco barulho. Apenas, se me atrevo a dar um conselho, será bom conservarmos entre nós uma extrema polidez. Será nossa melhor defesa”.

“Inês : Não sou bem-educada”. (pág. 22).

Garcin reconhece que incomoda Inês e que se sente incomodado por ela. Propõe que ambos usem da recusa para fingirem que o outro não existe, porém, ela não aceita. Entretanto, trata-se apenas de uma maneira de dizer, pois na verdade ele não tem consciência do real incômodo que traz para o outro. Isso fica bem caracterizado pelo fato de que suas caretas incomodam Inês, e no entanto, Garcin sequer sabe que faz caretas. O medo, que ambos sentem, é igualmente recusado. Porém, apesar de todos os mecanismos usados, ambos reconhecem que alguma coisa irá acontecer. Apesar

de toda angústia, de todo sofrimento, Garcin diz que “ainda não começaram a sofrer e que ele está esperando”. Aliás, esperando angustiosamente.

Novamente estamos com uma situação parecida com o que ocorre no grupo terapêutico. Quando se chega ao grupo terapêutico, teme-se por uma ameaça de fora, vinda do outro e sentida como pior e mais ameaçadora do que o sofrimento já vivido e conhecido. A semelhança de Garcin, o neurótico não teme tanto o sofrimento ao qual está acostumado e que até representa o seu cotidiano. Ele teme o desconhecido, aquilo que pode vir a acontecer. E, neste sentido, o que pode vir a acontecer é muito perigoso, porque o outro tentará obrigar o sujeito a tomar conhecimento daquilo que é temido. O outro funcionará como espelho, espelho implacável, sempre vigilante, mostrando tudo aquilo que não se quer ver. Essa função de espelho que o outro representa dentro do grupo, não permitindo ou pelo menos dificultando a má-fé, constitui uma das causas da ansiedade individual dentro do grupo. O perigo é colocado no outro e este aceitará ou não o papel que lhe é atribuído. Aceitando, executará seu papel com rigor. Mas, em qualquer hipótese, haverá distorções. Este espelho nunca refletirá fielmente a imagem projetada. O espelho humano sempre distorce. E a ansiedade que este fenômeno desperta é uma ansiedade persecutória, vivida frequentemente com caráter de realidade.

Nas três primeiras cenas da peça de Sartre, temos as seguintes situações que são distintas uma das outras: Primeiro Garcin está na presença do criado. Esperava encontrar um demônio de rabo, chifre, espeto e outros objetos de tortura, e no entanto, está diante de um criado educado, que executa seu ofício com impecável dignidade, neutro e que não se envolve com as provocações de Garcin. Esse criado recusa-se a aceitar uma relação de dependência não admitindo sequer a esperada relação sádica. Acresce ainda que ele não tem a menor preocupação em encontrar respostas para as questões propostas por Garcin. O criado atua pois à maneira de um terapeuta e chega mesmo a se constituir em um elemento de estabilidade e de controle para Garcin.

Depois Garcin desespera-se ao se encontrar só. Na cena três, o grupo ainda não está constituído e é vivido por duas pessoas:

Garcin e Inês. Há uma tentativa de se formar um corpo do grupo, porém, sem êxito. Contudo, além da projeção, já são possíveis os mecanismos de introjeção e incorporação. Mas, a vivência do aqui-agora é caracterizada por uma atitude de defesa mútua de tal maneira que os dois participantes permanecem praticamente desconhecidos, um diante do outro.

A cena quatro caracteriza-se pela entrada de Estelle, como os demais, trazida pelo mesmo criado. Também ela chega com o sentimento de que a tortura a espera.

No início da cena cinco, antes de se retirar, o criado anuncia que não virá mais ninguém. Então ficam sabendo que o grupo está constituído. Apresentam-se uns aos outros e o clima é de que a dolorosa espera finalmente vai acabar, que o grupo passará a funcionar de fato. O tratamento entre os membros é formal, cerimonioso mesmo. Tratam-se por "o senhor", "a senhora" e no momento em que Garcin, não suportando o calor, pede licença para tirar o paletó e ficar em manga de camisa, ele é veementemente repreendido por Estelle. Esta é a maneira que encontram para manterem a distância, é uma maneira de impedir que se estabeleça verdadeiramente um elo de ligação entre eles. Como sabemos, o grupo está constituído por três pessoas, número de especial significação e de uma riqueza simbólica imensa. Trata-se de um homem, Garcin, desertor e traidor, que morreu há quase um mês, fuzilado com "doze balas no peito". As duas mulheres são: Inês, que morreu "na semana passada, por gás", e é homossexual e Estelle que morreu ontem ("a cerimônia ainda não acabou") de pneumonia. Sabe-se que Inês intrometeu-se na vida de um casal, estabelecendo uma relação amorosa com a mulher (Florence) que também morre — suicídio. Antes o marido havia sofrido um acidente, também suspeitando-se de suicídio. Estelle mata friamente o próprio filho levando o amante ao desespero. Nesse grupo haverá sempre a possibilidade de se formar um par: homossexual com a exclusão do homem ou um par hetero-sexual com a exclusão de uma das duas mulheres. Além da possibilidade de sempre se formar um par, há ainda o fato não menos importante de que sempre haverá um terceiro, haverá sempre o outro. E este outro estará sempre olhando o par. Estes dois fatos serão de

grande importância e voltarei a eles posteriormente. De momento, importa-me o funcionamento inicial deste grupo. A apresentação que se faz é formal, cheia de dissimulações, mas, de alguma maneira procura-se saber quem é quem. Contudo, a presença do outro é sentida como muito ameaçadora, de tal maneira que cada membro procurará apresentar-se ao outro como inocente e como vítima das circunstâncias. Nenhum dos três quer mostrar o "seu pecado", e, neste sentido, todos apresentam a mesma má-consciência. O formalismo no relacionamento pode também ser interpretado como uma tentativa de se manter a individualidade pessoal, de tal maneira que cada um se sinta senhor de si mesmo e sem nada a ter com os demais. Quando, por exemplo, Garcin distraidamente se senta no sofá de Estelle, ela imediatamente protesta porque ela não estava disposta a compartilhar com o outro os seus bens pessoais. É importante que cada um se mantenha separado do outro.

Tal como acontece no grupo terapêutico, no grupo de Sartre todos se mostram muito cautelosos, todos têm consciência de seus atos e de seus passados, porém, ninguém quer se mostrar e fica patente que a presença dos outros torna a situação mais difícil ainda. Por vezes, no grupo terapêutico ocorre afirmações deste tipo: "eu mesmo não sei muito bem porque estou aqui": "foi o meu clínico que me aconselhou" ou "Eu senti qui preciso me conhecer melhor" ou ainda "Eu quero ser mais feliz". Freqüentemente o recém-chegado apresenta uma série de motivos sempre baseados no objetivo e no factual, numa clara demonstração de que não pretende dizer os reais motivos que o levaram a ingressar no grupo. Mesmo tendo ingressado no grupo terapêutico por livre e espontânea vontade, o recém-chegado sente que é perigoso falar daquilo que ele tem pouco conhecimento, daquilo sobre o qual ele não tem completo domínio. Nos primeiros momentos, nas primeiras sessões, a situação do grupo terapêutico é também desconhecida, não se tem domínio sobre ela e falar das situações internas, também pouco conhecidas, seria duplamente perigoso. Pela mesma razão, no grupo de Sartre, estabeleceu-se, tão logo foi ele definitivamente estabelecido, uma situação de reconhecimento. Mas, não se trata

de um franco e leal reconhecimento. Pelo contrário, trata-se de uma situação cheia de dissimulações, onde o faz de conta representa um importante papel. Ninguém quer se despir diante dos outros. É preciso que todos estejam bem vestidos. Quando Garcin quis tirar o paletó, foi ele logo repreendido porque sentia-se que ainda não havia chegado o momento de se despir, mesmo que parcialmente, diante dos outros. Só mais tarde, em outro momento do grupo, é que será permitido a ele ficar em mangas de camisa. Despir-se de imediato seria perigoso não apenas para quem se despe mas também para os demais, porque a nudez de um denuncia a nudez do outro. No grupo de Sartre, no início, cada um dos membros tenta convencer aos demais de sua inocência. Cada um quer convencer ao outro de sua própria pureza e deseja que o outro reconheça a ausência de sua culpa. Porém, o que na realidade cada um procura fazer é tentar se convencer a si mesmo de sua inocência, apesar de se sentir culpado. É pois, para não ter consciência de seus próprios sentimentos, de sua própria "maldade" e de seus próprios "pecados" que o sujeito não pode levar o outro a se mostrar e, conseqüentemente, se ver. Aparentemente é o julgamento do outro que é temido. O outro — o desconhecido — é ameaçador. Vale lembrar o genial artigo de FREUD (1919) "O ESTRANHO" (DAS UNHEIMLICH). Cada elemento do grupo funciona como o estranho, o que não é familiar, não conhecido e ao mesmo tempo assustador, que provoca medo, horror. Diz FREUD: "o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito de familiar". Mais adiante diz: "Dessa forma, heimlich é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, unheimlich. Unheimlich é, de um modo ou de outro, uma espécie de heimlich". Quando o recém-chegado entra para o grupo terapêutico, ele representa o estranho que ao mesmo tempo existe em cada um dos participantes já existentes. Por outro lado o próprio grupo representa o estranho para quem chega. Desta maneira a entrada de um novo elemento será sempre perigosa, tanto para o novo elemento como também para o próprio grupo. Sempre existe, nestes momentos, uma grande mobilização dos grupos terapêuticos.

No grupo de Sartre, temos muitos momentos em que se procura não viver o estranho. Garcin, quando chega ao inferno, procura obter o máximo de informações para tornar conhecido aquilo que lhe era estranho. Iguualmente Estelle compara o início de sua permanência no inferno a uma visita à sua tia. Outra tentativa, esta diferente, é no início da cena cinco, quando todos apresentam um formalismo exagerado e falam de trivialidades, tal como numa reunião social. Nesta situação, o sujeito encontra-se diante do outro, mas não pode falar de si mesmo, do que existe dentro de si. O sujeito está diante do outro, porém, ao não permitir que o sujeito se apresente enquanto pessoa, enquanto "pecador" e condenado, ele permanece como se fosse um ausente de corpo presente. Tão logo o sujeito diga o seu "pecado", este deixa de ser exclusivamente seu e passa a ser um pecado do grupo. Tal como na criação artística, tão logo o artista dá conhecimento ao outro de sua criação, esta deixa de ser exclusivamente sua e passa a ser pública. Por esta razão, no grupo terapêutico, freqüentemente o recém-chegado permanece calado, não apenas por sua exclusiva vontade, mas também porque assim o grupo determina. Porém, no grupo terapêutico há a presença do terapeuta que, ao interpretar este tipo de vivência grupal, denuncia o jogo de cada um individualmente e o jogo do próprio grupo. Contudo, no grupo de Sartre, não existe terapeuta e por esta razão não há insight. Mas, quando todos juram inocência, surge uma questão inquietante. Afinal por que estes três personagens foram reunidos e condenados a viverem juntos? O quê os liga? Qual o critério que se usou para reuni-los? Esta primeira manifestação de consciência grupal é expressa por intermédio de Estelle e com a participação de todos. Ocorre o seguinte diálogo:

"Estelle : Esse também. Dançava tango como um profissional. Mas nós, nós, por que foi que nos juntaram?"

"Garcin : Ora, por acaso! Eles vão arrumando a gente onde podem, por ordem de chegada. (A Inês) Por que está rindo?"

“Inês : Porque o senhor me diverte com essa história de acaso. Será que o senhor tem tanta necessidade de ter certeza? Eles não fazem nada por acaso” (pág. 34).

Inês, como ela mesma diz, é má, perversa, tem necessidade do sofrimento do outro. Ela se nega a conciliar e não coopera nas dissimulações. Ao satisfazer o seu sadismo, Inês acaba por denunciar a “má-fé” que circula no grupo. Ao anunciar a verdade nua e crua ela cria um novo clima, diferente ao formalismo social, das palavras convencionais. É Inês quem rompe com o pacto do formal existente no grupo, segundo o qual o “faz-de-conta” era a lei oficial. Ao denunciar o “faz-de-conta” de Estelle e de Garcin, ela desencadeia uma nova dimensão no relacionamento grupal, porque ela se coloca no lugar de quem pode escutar. Apenas que a “escuta” de Inês não é uma “escuta” à procura da compreensão. Ao desafiar os outros, Inês desafia a si mesma. É ela quem diz:

“Inês : Bem... Eu era o que se entende por uma mulher condenada. Já condenada, não é verdade? Por isso não houve grandes surpresas” (pág. 56).

Na vida real ela se diz uma mulher condenada, homossexual, e por esta razão ela sempre desafiou. Agora novamente Inês desafia, contesta e ao mesmo tempo procura quebrar a ordem estabelecida. É desta maneira que ela marca, desde o início, o seu papel no grupo. Não é, como já disse, uma denúncia leal e franca, à procura de uma elaboração que possa resolver o conflito interno de cada um. A técnica de Inês é do tipo contrafóbico: colocar o seu próprio mal no outro e tentar destruir o mal destruindo o outro. Como se vê, surgem aspectos individuais, inerentes a cada um dos participantes e ao mesmo tempo existem aspectos que dizem respeito ao grupo como um todo. A pergunta formulada por Estelle: “mas nós, nós, por que é que nos reuniram?” marca o aparecimento da consciência grupal. Surge de maneira clara, no grupo, o sentimento de que existem coisas que são comuns a todos e ao mesmo tempo existem coisas que são exclusivas e peculiares a cada um do grupo. Cada membro começa a ter consciência de que é uma

parcela, uma parte de um todo — o grupo — e que ao mesmo tempo é uma parte separada, com uma individualidade. Quanto menos cada um se comprometer com o grupo, maior será o seu sentimento de individualidade. Do mesmo modo que no grupo terapêutico, a integração no grupo desencadeia uma angústia por medo de perda da individualidade. Ao mesma tempo, existe a consciência de que a união faz a força e que, desde que coeso, o grupo como um todo terá condições de se valer mais do que uma pessoa isoladamente. Portanto, a atitude quanto a se chegar a integrar no grupo é essencialmente ambivalente: ao mesmo tempo que se deseja, teme-se. Ao mesmo tempo que se fica forte enquanto um todo, fica-se fraco enquanto individualidade. No início da cena cinco de HUIS CLOS esta situação é descrita de forma admirável. Apenas para citar um único exemplo, pode-se lembrar que Estelle reclama e protesta porque Garcin, distraidamente, sentou-se em seu sofá. Aparentemente trata-se apenas de um gesto de egoísmo, contudo, esta atitude revela o seu medo de perder a individualidade, estabelecida por meio de objetos pessoais. Porém, é da mesma Estelle que não quer compartilhar nada com os outros que escutamos a seguinte colocação:

“Garcin : Desculpe-me, não sou um morto de boa sociedade”

“Estelle : Oh! meu caro senhor! Se quisesse deixar de empregar palavras tão cruas assim!... E... é “chocante”. Afinal de contas, o que significa isso? Quem sabe se nunca estivesse tão vivo como agora? Quando for preciso referir-se a este... estado de coisas, proponho que nos chamemos de “ausentes”, será mais correto. O senhor há quanto tempo está ausente?” (pág. 30-31).

A proposta é logo aceita e o grupo começa a funcionar dentro de uma ambigüidade. Poder-se-ia traduzir as duas atitudes de Estelle, aparentemente opostas, com as seguintes palavras: “os meus objetos são meus, não os compartilho com ninguém, mas devemos ter outras coisas em comum, como por exemplo a nossa dificuldade de encarar a verdade nua e crua”. Portanto, no grupo

de Sartre, a resistência em ver a verdade nua e crua foi um fator importante para um esboço de estruturação do grupo. Contudo, o grupo é voraz e à medida que se consegue alguma estruturação, logo surgem outras necessidades e outras demandas. À Inês, como ela mesma já anunciou, cabe o lugar do questionamento de tudo aquilo que foi estabelecido. É o que ela faz:

“Inês : Se algum de nós tivesse ao menos a coragem de dizer...” (pág. 38).

Então Estelle e Garcin falam de suas vidas de maneira distorcida onde predomina a má consciência até que de novo Inês os chama à realidade:

“Inês : Estou vendo. (Um tempo). Para quem está representando essa comédia, se estamos entre nós?”

“Estelle : (com insolência) Entre nós?”

“Inês : Entre assassinos. Estamos no inferno, minha filha; e aí não pode haver erros, e não se condena ninguém à toa”

“Estelle : Cale-se!”

“Inês : No inferno.! Condenados! Condenados!”

“Estelle : Cale-se! Faça o favor de calar-se. Proibo-a de empregar expressões grosseiras” (pág. 40).

Como se vê o grupo está realmente constituído, funcionando e cumprindo o seu destino. Como já foi dito com outras palavras, deve-se ressaltar a importância do outro no grupo de Sartre como elemento propiciador do jogo projetivo que se estabelece. O conceito de projeção é de grande importância e foi abordado ao longo da obra de Freud, e aqui não é o lugar adequado para relembrar os seus diferentes aspectos e enfoques. Contudo, vale lembrar o estudo de SAMI-ALI (1982) no qual ele articula como condições constitutivas do fenômeno — dentre outras — o narcisismo e a identidade. No narcisismo, o sujeito se interessa pelo outro na medida em que a busca de sua própria identidade o conduz a se achar no outro. Assim é que na cena cinco vemos que o outro desempenha um importante papel para que o sujeito se diferencie dos demais. A

projeção trabalha para que se forme uma identidade. Por outro lado, quando Inês projeta sobre os outros os seus próprios sentimentos dizendo “estamos entre assassinos, condenados” na realidade ela está evidenciando a polaridade “dentro-fora”, projetando no exterior o que existe no seu interior. E quando todos são obrigados a escutar a denúncia de Inês, quando todos aceitam — pela impossibilidade de recusa — que estão entre assassinos, então cria-se um mundo externo equivalente ao Ego de cada um, ou melhor, equivalente a uma parte do Ego individual de cada um.

Voltando à peça, vê-se que Inês identifica-se com o seu papel e irá desempenhá-lo até o fim. Vale ressaltar a sua agudeza neste desempenho:

“Inês : Vão ver como é tolo. Tolo como tudo. Não existe tortura física, não é mesmo? E no entanto estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos que ficar juntos sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguém que faz falta aqui: o carrasco”

“Garcin : (a meia voz): Bem sei”

“Inês : Pois é. Fizeram uma economia de pessoal. Só isso. São os próprios fregueses que se servem, como nos restaurantes cooperativos”

“Estelle : Que quer dizer?”

“Inês : Cada um de nós é o carrasco para os outros dois”  
(Um tempo. Eles ruminam a idéia) (pág. 41-42).

Inês decifra um importante aspecto da estrutura do grupo no qual ela se encontra. Porém, existe um fato que não pode ser desprezado. Quando Estelle propôs que se chamassem uns aos outros de “ausentes” e não de mortos, Inês — ao contrário de outras ocasiões — não denunciou esta manobra. Também ela ficou conivente com a recusa grupal de não se tocar nesta questão. E no entanto, o que é comum a todos os membros deste grupo de Sartre é exatamente a morte. Todos estão mortos. Todos

vivenciaram a morte como um castigo e como uma forma de punição. No entanto, todos procuram ignorá-la inclusive procurando não nomeá-la. Procuram não nomear a palavra morte para não senti-la. Todos estão impregnados, apesar da dissimulação, exatamente da pulsão de morte. Não foi por acaso que Inês denunciou todos como assassinos. De fato, cada um individualmente tem muito a ver com a sua própria morte e com a destruição do outro. Inês é suicida e de alguma maneira se sente responsável pela morte de Florence e seu marido. Estelle matou o próprio filho, Garcin foi fuzilado por sua própria conduta e além do mais ele confessa que torturou a sua mulher.

Referindo-se ao grupo terapêutico, diz KAES (1976):

“Um grupo é uma tópica projetada: constrói-se produzindo um “Ego”, um “Id”, instâncias “Super-egoícas” e “nascisistas” homomorfas à que se produzem e diferenciam no psiquismo individual. Determinado grupo funcionará sob o regime de fidelidade a uma instância, ou se mobilizará dentro de conflito interno ou contra outro grupo, representado como equivalente de outra instância” (pág. 29).

Quando Inês anuncia que “cada um de nós é o carrasco dos outros dois” ela está simplesmente anunciando que neste grupo de Sartre predomina a pulsão de morte. É a pulsão de morte que rege a dinâmica deste grupo e será ela que traçará os destinos tanto do grupo como de cada um de seus membros. Caso houvesse uma prevalência de Eros, a estruturação deste grupo seria em função de uma adaptação e de um equilíbrio de bem estar ante a realidade a que todos estão sendo submetidos. Mas este grupo não existe em função da busca do conhecimento pessoal de cada um, nem está à procura da solução de conflitos pessoais. Neste grupo as manifestações de Eros são secundárias. Assim é que o carrasco que cada um será para o outro expressa tanto a prevalência da pulsão de morte como também a do Super-Ego, já que ser carrasco do outro equivale ser, ao mesmo tempo, também carrasco de si mesmo. Todos chegam ao inferno preocupados e

procurando o carrasco. Afinal, acabam por encontrá-lo dentro de si mesmo. Curiosamente, tal como na vida real e no grupo terapêutico, cada um assume o seu papel e trata de executá-lo com a máxima perfeição. Durante todo o desenrolar do grupo de Sartre haverá sempre uma luta de forças opostas, chegando às vezes a imperar o caos. Imperará a compulsão à repetição, já que a pulsão de morte é a força prevalente no grupo. Assim é que as vivências do grupo no inferno não são jamais produtivas, não dão segurança pessoal aos seus membros, não levam ao insight e nem sequer chegam a estabelecer uma forma cooperativa de funcionamento do grupo.

Dentre as inúmeras manifestações da compulsão à repetição que se observa no transcorrer da peça de Sartre, sem pretender me aprofundar no assunto, apenas citarei dois exemplos:

a) Quando Garcin, após muito esforço, consegue fazer com que, inexplicavelmente, a porta se abra, nem ele e nem sequer nenhum dos outros dois elementos do grupo consegue sair. Reconhecem que existe alguma coisa que os liga e acabam, de comum acordo, por fechá-la. Contudo, o grupo continua funcionando dentro dos mesmos moldes de antes. A experiência dramática de abertura na porta não trouxe nenhum enriquecimento ou nenhuma mudança na atitude dos participantes. O elo de ligação entre os participantes do grupo é exatamente a compulsão à repetição, expressão máxima da pulsão de morte que predomina no grupo.

b) A situação triangular, vivida de forma intensa e dramática, é outro exemplo. Inclusive chama a atenção o fato de que um mesmo membro do grupo vive, em momentos diversos, diferentes papéis nesta triangulação. Garcin, por exemplo, que era o outro, aquele que olha, o expectador da cena na qual Inês tenta seduzir Estelle, em um outro momento, ele é o olhado, o que está sendo visto pela mesma Inês.

Abandonando os exemplos da compulsão à repetição, considero a introdução da problemática do "olhar-do-outro" de grande importância. Não sem razão Sartre insiste neste aspecto durante toda a cena cinco, transformando aquilo que aparentemente seria apenas uma manifestação edípica em manifestações muito mais arcaicas e

regressivas. Realmente o olhar instaura a relação com a outro. É através do olhar que se percebe e que se sente percebido. Isto significa que é através do olhar que o outro se constitui enquanto pessoa e que se identifica o corpo do outro e é também através do olhar que se tem a imagem do próprio corpo. MISSENARD (1972) diz que “a importância do olhar como modo relacional abrange todos os problemas que o olhar dirigido ao corpo do outro e ao próprio corpo permitem revelar e também resolver. A criança descobre ao mesmo tempo e retroativamente as angústias ligadas ao despedaçamento inicial ao perceber-se pela primeira vez como um corpo unificado por uma imagem descoberta no espelho ou no corpo materno. A sucessão “ver o outro” e “fazê-lo desaparecer de seu olhar” corresponde à fantasia “estar unificado/estar despedaçado” e se instaura a identificação narcisista”. Assim, já estamos falando de um outro aspecto de coesão grupal: as fantasias inconscientes. No grupo de Sartre as fantasias predominam especialmente durante toda a cena cinco. Poderíamos, sem detalhar, exemplificar: fantasias intra-uterinas (o desespero de Garcin batendo na porta e ao mesmo tempo a impossibilidade de sair. Ainda, o quarto no qual se desenrola toda peça, com todos elementos sentindo muito calor). Na triangulação, além de expressão do complexo de Édipo, podemos identificar manifestação de representação de fantasia da cena primitiva, fantasia de sedução e fantasia de castração.

Tanto quanto o grupo terapêutico, o grupo de Sartre não se estrutura no factual e apenas no real, como pode parecer à primeira vista. Existem sempre razões mais profundas e complexas para que haja uma estruturação grupal. Pode-se, facilmente, encontrar no grupo de Sartre os mesmos elementos que estruturam o grupo terapêutico, definidos por KAES (1976) como organizadores psíquicos, e que são: a imagem do corpo, fantasias originárias, complexos familiares e as imagens; e a imagem global de nosso funcionamento psíquico, ou seja, o que corresponde em especial aos sistemas e instâncias da tópica.

Apresentando tantas características e semelhanças com o grupo terapêutico resta então perguntar por que razão o autor disse no início do artigo que pretendia demonstrar que o grupo de Sartre

pode ser considerado como o anti-grupo terapêutico. Realmente o funcionamento dos dois grupos apresenta tantos pontos em comum que se pode dizer que um funciona à semelhança do outro. Mas, são grupos diferentes. A estruturação de um grupo, qualquer que seja a sua origem ou finalidade, apresenta sempre características comuns aos grupos. Contudo, o terapêutico apresenta características peculiares e não basta haver uma estruturação grupal para que ele seja considerado terapêutico. Sem querer me tornar Acaciano, diria que nem todo grupo é terapêutico. O de Sartre tem muitas características do terapêutico, sem, contudo, chegar a sê-lo. Talvez uma das razões mais importantes porque o grupo de Sartre não conseguiria se tornar terapêutico esteja nos membros que compõem o grupo. Ele é constituído de pessoas condenadas, que estão no inferno, cumprindo pena por seus "pecados". São "pecadores" identificados com os seus "pecados". A propósito, CONDRAU (1968) ao estudar o conceito de angústia e de pecado em Kierkegaard, diz: "o oposto do pecado não é a virtude, senão a fé". As pessoas do grupo de Sartre são pessoas sem fé, não têm fé em si mesmos, não têm fé nos outros, são pessoas sem esperança. Não havendo fé nem esperança, não há por que lutar. Os componentes do grupo de HUIS CLOS apresentam profundo distúrbio do Ideal do Ego e a eles somente restava a possibilidade de terem um terapeuta eficiente neste grupo.

Ainda com relação aos elementos do grupo deve-se ressaltar que a integração grupal ocorreu em bases de intenso narcisismo. Assim sendo, o sujeito apenas se descobre, se identifica no outro, sem, contudo, assimilar partes do outro. Este fato não é elaborado, como igualmente não foi elaborado o Complexo de Intrusão, ao contrário do que normalmente ocorre no grupo terapêutico, onde estes aspectos são insistentemente interpretados pelo terapeuta.

No grupo terapêutico, chega-se por livre e espontânea vontade, por uma opção. Há, antecipadamente, consciência de que haverá participação no grupo. No grupo de Sartre não há opção e nem escolha. Chega-se ao grupo por uma imposição, como resultado de um julgamento do outro. A finalidade é o castigo, o sofrimento através da repetição de uma série de situações traumatizantes que reativam situações interiores conflitivas e angustiantes. A finali-

dade do grupo terapêutico é obviamente terapêutica. Procura-se o auto-conhecimento e a libertação interior. Neste grupo existe o terapeuta, presente, objeto de inúmeras fantasias e projeções por parte dos demais membros, ora amado, idealizado como bom e como o salvador, ora temido, odiado, sentido como mau e persecutório. É um importante objeto de transferência e de identificação para os demais membros do grupo. Sua presença é discreta, sua função é interpretativa e organizadora ao mesmo tempo que limita e delimita as condições de funcionamento do grupo. No grupo de Sartre, o terapeuta está ausente, isto é, ele está ausente de corpo presente. Contudo, paira no ar, com uma intensidade muito grande, a presença do fantasma de um dirigente onipresente, onipotente. Não é um fantasma de terapeuta, mas de um dirigente, cuja função é punir e castigar. Não é sentido ambigualmente, ora bom ora mau, mas é sentido apenas e sempre como objeto mau. O terapeuta tenta dirigir o seu grupo no sentido da libertação ao passo que o fantasma do dirigente do grupo de Sartre dirige o grupo no sentido da prisão, da condenação. Nesse sentido, o dirigente do grupo de Sartre é onipotente: é ele quem determina, sem que haja aquiescência ou acordo com o interessado. Já no grupo terapêutico estabelece-se, por livre combinação entre as partes, um contrato de trabalho com normas, direitos e deveres, que serão obedecidos por todos participantes. Acresce que este grupo terá um funcionamento organizado. Funcionará em dias e horas estabelecidos de comum acordo, terá uma duração limitada de horas por semana. As situações serão vivenciadas "como se", isto é, todos têm consciência de que a vivência do grupo é simbólica. Terminado o horário do grupo, todos retornam à vida normal, havendo, desta maneira, uma diferenciação nítida entre o "dentro-e-fora" do grupo. No grupo de Sartre, o funcionamento contínuo, atemporal, faz com que o grupo passe a ser a vida dos participantes, daí resultando uma fusão entre o "dentro-e-fora" do grupo e o "dentro-e-fora" de cada participante. Esta é uma das razões do caos estabelecido no grupo de Sartre. Já o "dentro-e-fora" do grupo terapêutico é bem definido e se porventura existe alguma fusão esta será temporária e com duração no máximo durante a sessão do próprio grupo. Existe uma vivência, por vezes intensa e até mesmo dramática, mas que

permite uma elaboração dos conflitos internos, quer do participante enquanto elemento individual, quer do grupo como um todo. É esta elaboração um fator importante para a resolução dos conflitos internos do qual resultará a liberdade interior. Já o grupo de Sartre é um grupo caracterizado, como já se viu, pela repetição pura e simples. Suas vivências são ego-sintônicas e o imaginário é reduzido ao real. Ao contrário, no grupo terapêutico, o imaginário é vivido no nível simbólico. A transferência é vivida em relação ao terapeuta, aos demais membros e ao próprio grupo, e da mesma forma a resistência. As vivências das fantasias permitem interpretação e elaboração. Ao contrário do grupo de Sartre, no grupo terapêutico as forças pulsionais de Eros predominam sobre Thanatos.

Estas seriam, a meu ver, as principais diferenças entre o grupo de Sartre e um grupo de psicoterapia analítica. Evidentemente, não esgotei o tema e, no sentido de Eros (e não no de Thanatos como foi dito na peça), convidaria os interessados a aprofundarem no tema da psicoterapia analítica de grupo, terminando com as últimas palavras da peça de Sartre, ditas antes do pano cair:

“Garcin: Pois é, continuemos”.

## BIBLIOGRAFIA

- ALI, S. (1982). De la proyeccion. Ed. Petrel. Barcelona.
- ANZIEU, D. et al (1972). El trabajo psicoanalítico en los grupos. Siglo XXI, Ed. México.
- CONDRAU, S. (1968). Angustia e Culpa. Ed. Gredos, Madrid.
- GRINBERG, L. et al (1957). Psicoterapia del Grupo. Ed. Paidós. B. Aires (1967).
- FOULKES, S. H. e ANTHONY, E. J. (1967). Psicoterapia de Grupo. B. U. P. Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (1919). O Estranho. E. S. B. XVII.
- KAES, R. (1976). El aparato psíquico Grupal. Granica Ed. Barcelona.
- MISSENARD, A. (1972). In ANZIEU, D. et al citado acima.
- SARTRE, J. P. (1947). HUIS CLOS. Ed. Gallimard. Paris. Entre Quatro Paredes, Abril Cultural. 1977.